

CONSCIENTIZAÇÃO E APRENDIZAGEM PELA CONVERSA: EMPODERAMENTO E RENOVAÇÃO DEMOCRÁTICA DE COMUNIDADES LOCAIS

MACEDO, Eunice – eunice@fpce.up.pt - IPFP; ESPAÇOS; CIE.FPCEUP.PT

MACEDO, Amélia - arosamacedo@gmail.com - IPFP

Resumo: Esta comunicação explora a *aprendizagem pela conversa* (Baker, Jenson e Kolb, 2002) no enraizamento da concetualização freiriana da *conscientização* (Freire, 1997, 1999). A concetualização freiriana de *voz* como expressão coletiva e emancipatória é também atualizada no cruzamento com a tradição epistemológica e metodológica feminista (Arnot, 2006) no sentido da construção duma democracia mais inclusiva, assente no reconhecimento e na emersão do sujeito (Macedo, 2011).

A *aprendizagem pela conversa* foi usada na sensibilização de atores/as de intervenção social em diversos campos no âmbito do projeto *Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida: lideranças partilhadas*. O trabalho avaliativo cruzou dados de observação de workshops com base em fichas de observação, com campos abertos, elaboradas pelas autoras, como equipa externa do Instituto Paulo Freire de Portugal que fez o acompanhamento e avaliação do projeto.

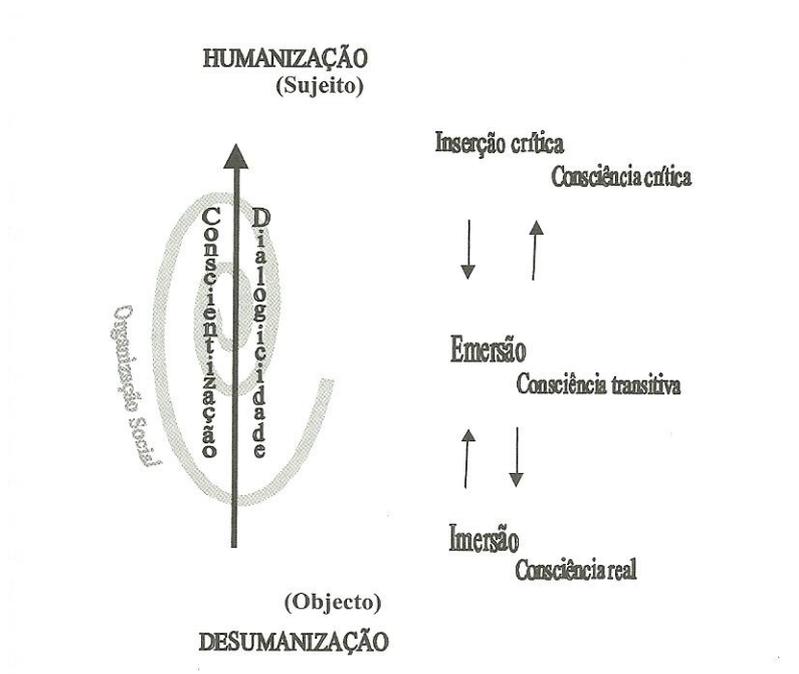
A análise permitiu evidenciar relações entre a *aprendizagem pela conversa* e a *conscientização* como modalidades comunicativas emancipadoras sendo que a primeira tira mais partido da fragmentação e emersão do/a sujeito individual da modernidade tardia, contrapondo-o ao sujeito coletivo da modernidade que identificamos na concetualização freiriana.

Conceitos chave: aprendizagem pela conversa, conscientização, voz, fragmentação do/a sujeito

Justificativa: Tecendo a trama concetual

Na proposta política, filosófica e pedagógica de Paulo Freire a *emancipação individual* é o ponto basilar da *emancipação coletiva*, com vista a uma mudança social, na qual o grupo *oprimido* se liberta da situação de *opressão*. O esquema abaixo capta esta concetualização.

Esquema: Compreender a conscientização



Fonte: Macedo *et. al.* (2013)

Conceito central da *Pedagogia do Oprimido*, como ação política para a liberdade, a conscientização é uma “faculdade abstracta e metódica” (Freire, 1999:56). Parte do reconhecimento da dependência, para conduzir à reflexão/ação e à independência. Responsabilização, engajamento e investimento na interrelação das pessoas “mediatizadas pelo mundo” são ingredientes para a “leitura do mundo”, numa perspectiva de “emancipação coletiva”, já que “ninguém se liberta sozinho” (idem:55). Tendo fundamentalmente uma ambição transformadora, a conscientização vai além do reconhecimento subjectivo da situação para mobilizar mulheres e homens “contra os obstáculos à sua humanização” (Freire, 1999:114); permite a passagem da desumanização - resultante da imersão numa realidade opressora não conscientizada - a uma humanização, enraizada na consciência crítica e na ação emancipadora. Para estimular a capacidade de ideação inerente à conscientização, há que percorrer um conjunto de passos que Freire enuncia: reconhecimento crítico dos limites impostos pelo opressor, descoberta das razões da opressão, reconhecimento de si como oprimido/a e como pessoa capaz de intervir na própria história, como ser transformador. O método “é já a própria consciência” (ibid:56), incluindo o carácter intencional do ato de compreender e interligar as e os sujeitos numa relação consigo e *com* o mundo.

Comparativamente, partindo do olhar da Psicologia, a *aprendizagem pela conversa* é vista como processo “através do qual as pessoas aprendentes constroem significados e transformam experiências em conhecimento através da conversação” (Baker, Jenson e Kolb, 2002:2). Inserindo-se na *teoria da aprendizagem experiencial*, que não cabe aqui explorar, este “modelo holístico” e “multilinear”, assenta na transformação pela *conversa*, através da movimentação entre “experienciação, reflexão, abstração e ação” (ibid:4); permite gerar novas ideias e construir significados a partir da observação e reflexão da experiência individual concreta ou imediata; esta é partilhada, no espaço comunicativo da conversação, onde se procede à identificação de tensões entre conceitos/experiências, potencialmente opostos e contraditórios. As reflexões assim engendradas, assimiladas como conceitos abstratos, podem induzir a novas formas de ação que, por sua vez, podem conduzir à criação de novas experiências (ibid).

Este modo de aprendizagem ambiciona ir além do diálogo - como construção de um eventual consenso – para enfatizar a dimensão mais experiencial e humana da conversação. A ideia de *verdade* é mais ligada ao processo de construção do que ao resultado final da conversação. Passa-se de uma *verdade* objetivada, à luz de um paradigma positivista, a uma *verdade* pluriperspetivada, tendente à construção de “um pensamento alargado”, como defende Arendt (Young, 2002).

Havendo forte proximidade entre este processo e a proposta de *conscientização* de Freire, estas modalidades comunicacionais e transformacionais distinguem-se pela fragmentação e emersão do sujeito individual na *aprendizagem pela conversa*, num contexto de modernidade tardia, face ao sujeito coletivo da *conscientização* a que a emancipação individual é subordinada. A *aprendizagem pela conversa*, sendo objetivada para a formulação narrativa na primeira pessoa, afasta-se da formulação freiriana de uma conscientização unívoca de um grupo oprimido, que conjuntamente assumiria a ação para a transformação social (Koning, 2009). Enfatiza-se a heterogeneidade individual na participação e na imprevisibilidade e indeterminação da futura ação, face à experiência da *aprendizagem pela conversa*.

Numa linha da *teoria crítica*, em ambas as modalidades as pessoas participantes são pensadas como seres transformadores capazes de refletir e transformar a ordem social em que estão inseridas (Fairclough, 2006); concetualização que pode articular-se com a *voz*, como conceito sociológico e categoria teórica de cariz libertador, no quadro da “tradição epistemológica/metodológica feminista” (Arnot, 2006:406), em que a *voz* representa a “história, experiência, interpretação do mundo, modos de conhecimento,

valores e identidades” das mulheres (ibid:408); sendo vista como “potencialmente empoderadora para a desconstrução do pensamento hegemónico” (ibidem:419). A *voz* constitui um instrumento importante para a renovação democrática, em contextos distintos, e adquire pertinência num projeto *com* mulheres e homens. Neste processo dialógico de conversação a participação *com voz* é formulada de acordo não só com diferentes capacidades comunicativas, estilos pessoais e experiências de vida, como também com a tomada de decisão quanto à maior ou menor pertinência dos temas trabalhados e à maior ou menor adesão às conversas sobre eles (Macedo, 2011).

Objetivos

Estabelecer relações entre a metodologia da aprendizagem pela conversa e o processo de conscientização;

Mostrar o potencial desta metodologia para a *conscientização* para a ação, o exercício de *voz* e de *participação*, na construção de uma *democracia inclusiva* com lideranças partilhadas.

Procedimentos

A observação de workshops foi desenvolvida numa *modalidade de observação exógena* que supõe uma estratégia de observação, próxima da observação participante. Construiu-se uma ficha com campos abertos, com três dimensões de observação: aplicação metodológica, exploração de conteúdos e avaliação global. Foram realizadas anotações circunstanciais de acompanhamento, que incluíram as formas como as pessoas participantes se distribuíam pela sala, nos momentos de conversação. Isto propiciou a compreensão de dimensões distintas: clima de interação, geografia da comunicação, estilos pessoais e grupais de expressão, polarização entre falantes e relação com os temas propostos.

Entre 2010-2011, foram observados 7 workshops, nas 3 tipologias do projeto, em diferentes localidades e com diferentes públicos, em parceria com instituições¹, permitindo: i) analisar o uso da *aprendizagem pela conversa*, na promoção de “Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida: lideranças partilhadas”; e ii) perceber o efeito disseminador deste trabalho conversacional.

¹ A intervenção da equipa de avaliação externa do projeto, do IPFP resultou de uma parceria entre este e a Fundação Cuidar O Futuro.

A *aprendizagem pela conversa* foi recontextualizada à especificidade de cada grupo, consistindo *grosso modo* num encadeamento co-construtivo: 1ª conversa - apresentação das pessoas participantes e organização de grupos de trabalho; 2ª conversa - debate de textos *desafio* para sustentação da conversa subsequente; 3ª conversa (com novos grupos) - *grupo focal* para discussão temática, registada por grupo de ouvintes; 4ª conversa - segundo grupo focal, com inversão de papéis e a partir das reflexões anteriores; as facilitadoras faziam a mediação sempre que lhes parecia necessário.

Resultados alcançados

A observação permitiu identificar forte presença do pensamento freiriano, a 2 níveis: i) na preocupação com a discussão do *status quo* – por vezes interiorizado como liberdade, por pessoas participantes, cujo índice de reflexividade, as situava ao nível da *consciência real*; e ii) na tentativa de inserção das pessoas participantes no seu processo histórico, como sujeitos transformadores, através da *consciência crítica* (Freire, 1999).

Assentando no pressuposto dos benefícios para as aprendizagens – pela troca de saberes - da presença de pessoas com diferentes níveis de consciência, a *aprendizagem pela conversa* assume o carácter de um processo dialógico sobre a ação pela *inserção crítica* das e dos sujeitos, nas suas realidades diferenciadas. Assim, permite evidenciar que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo”, falar sobre ele, problematizá-lo e reformular a sua pronúncia (ibid:78). Por sua vez, o investimento na fragmentação do sujeito permite evidenciar que a formulação e problematização do mundo depende das localizações distintas dos/as sujeitos em relações de poder diferenciais, presentes tanto nos níveis de consciência aportados aos processos comunicativos como nas múltiplas facetas que a opressão pode assumir (Young, 1997).

Encontram-se também articulações entre *conscientização* e *voz*, pela possibilidade de articulação por cada sujeito, no coletivo, da sua história, experiência, interpretação do mundo, modos de conhecimento, valores e identidades, que potenciam empoderamento e emancipação individual e coletiva, pela explicitação de diversas formas de relação de poder opressivas, que afetam diferentemente as pessoas envolvidas no processo de comunicação (ibid.). Nesse quadro, a *aprendizagem pela conversa* é vista como *processo político de conscientização*, afirmação de *voz e participação* na tomada de decisão, para potenciar reconhecimento individual e transformação social (Macedo & Macedo, 2012).

Numa perspectiva de «cuidar» o futuro pela construção significativa do presente, verificou-se nas reflexões e ações desenvolvidas, a incidência na responsabilidade – pessoal, grupal, institucional - de ajuizar o dia-a-dia, comprometendo-se, partilhando vivências e determinando limites, debatendo práticas agidas, rompendo atavismos, clarificando dilemas, apostando em novas sustentabilidades, criando sentidos e práticas projetuais, e fortalecendo identidades, através de conquistas objectivas de cariz empreendedor. Esta formulação permite uma concetualização *outra* da literacia como literacia partilhada, engajada com o social, cuja discussão não se insere no âmbito deste trabalho.

Referências

- Annot, Madeleine (2006). Gender Voices in the Classroom. In C. Skelton, B. Francis, and L. Smulyan (Eds). *The Sage Handbook of Gender and Education* (pp. 407-421). London: Sage.
- Fairclough, Norman (2006). *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London & New York: Routledge.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (1999). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Kolb, D., Baker, A., & Jensen, P. (2002). Conversation as Experiential Learning. In A. Baker, P. Jensen, D. Kolb. *Conversational learning an experiential approach to knowledge creation*, [em linha] disponível em <http://learningfromexperience.com/media/2010/08/conversation-as-experiential-learning.pdf> [consultado em 28.10.2011].
- Koning, M. (2009). Abrandar no espaço em branco. Dar relevo ao fundo dos textos sobre a liderança. In. E. Macedo & M. Koning (Coords). *Reinventando lideranças: Género, educação e poder* (pp. 71-95). Porto Livpsic & Fundação Cuidar O Futuro.
- Macedo, E. (2011). *Os rankings por outro lado... Possibilidades de cidadania joven na tensão da mudança educativa e social*. Porto: FPCEUP.
- Macedo, E. & Macedo, A. (2012). Aprender pela conversa: Assim, como e depois?, In C.Múrias & M. Koning (Coords.). *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 223-238). Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic.
- Macedo, E., Vasconcelos, L., Evans, M., Lacerda, M., Vaz Pinto, M. (2013). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na educação*. Brasília: Liber Livro.
- Young, Iris. (1997). *Intersecting Voices - dilemmas of gender, political philosophy, and policy*. Princeton: Princeton University Press.
- Young, Iris (2002). *Inclusion and Democracy*. Oxford: University Press.